

Mary Wollstonecraft e a sua (Re)Visão de Portugal em *The Analytical Review*

Catarina Correia de Castro

As she had learned to read, she perused with avidity every book that came into her way. Neglected in every respect, and left to the operations of her own mind, she considered every thing that came under her inspection, and learned to think.

Mary: A Fiction, The works of MW, 1: 10.

I could not now resign intellectual pursuits for domestic comforts.

The Collected Letters of Mary Wollstonecraft: 194.

O presente artigo visa essencialmente dois objectivos. Por um lado, pretendemos dar a conhecer um texto setecentista que se encontra ainda inédito no nosso país e que assume especial relevo no contexto dos Estudos Anglo-Portugueses por ter contribuído para a divulgação, em Inglaterra, de uma das mais polémicas obras sobre a sociedade e os costumes lusos. Por outro, é também nosso propósito ilustrar verbalmente a história desse tecido textual, apresentando o resultado da nossa investigação não só sobre a sua autoria, mas também sobre o contexto em que foi produzido, dando ainda a conhecer as reflexões suscitadas pela imagem de Portugal aí veiculada.

Em Agosto de 1788, foi dada à estampa, em Londres, uma recensão crítica¹ sobre aquele que pode ser considerado o mais “negro” de todos os livros escritos pelos viajantes que visitaram o nosso país no século XVIII: *Sketches of Society and Manners in Portugal* (1787),² narrativa epistolar escrita por um oficial escocês cujo verdadeiro nome – James Ferrier – seria acobertado no momento da publicação da obra através do recurso ao pseudónimo Arthur William Costigan.

A autora dessa recensão era Mary Wollstonecraft, actualmente mais conhecida como escritora do que pelo seu trabalho como jornalista. Nascida em Spitalfields, Londres, em 27 de Abril de 1759, contava apenas vinte e nove anos de idade quando recenseou para o periódico *The Analytical Review*, de Joseph Johnson, o livro em que Ferrier transmitia uma imagem profundamente negativa do nosso país. Contudo, apesar de jovem, reunia os requisitos ideais para escrever essa análise crítica que recebeu no periódico o título “Costigan’s *Sketches*”: a escrita de viagens era uma das áreas em que se especializara enquanto colaboradora de Johnson³ e, além disso, havia já visitado Portugal em 1785, quando aqui se deslocou para vir ao encontro de Fanny Blood, sua grande amiga.⁴ Aliás, na resenha, chega mesmo a evocar o seu conhecimento do nosso país para assegurar aos leitores que a maioria das histórias relatadas em *Sketches* são factuais.

-
1. Tivemos acesso a esta recensão crítica nos Estados Unidos, na New York Public Library, cujo espólio integra os volumes 1 a 29 de *The Analytical Review*, sendo de referir que o texto analisado no presente artigo se encontra no primeiro volume deste periódico. Tendo em vista facilitar o acesso ao mesmo, apresentamos a sua transcrição em anexo. Além de integral, a transcrição apresentada é fiel, tendo sido nosso critério manter a ortografia usada pela autora no século XVIII. Optou-se ainda por conservar o uso de letra minúscula inicial mesmo em contextos em que ao leitor do século XXI se assumiria como “correcto” o recurso a maiúsculas. Foi igualmente nossa opção não acrescentar acentos em palavras portuguesas transcritas na recensão, respeitando a forma como foram grafadas originalmente.
 2. Sobre o impacte que esta obra teve na formação de uma imagem estereotipada de Portugal, veja-se Castro, 2007.
 3. As outras áreas em que se havia especializado eram as seguintes: Literatura, Moral, Educação e Biografias. No entanto, escreveu também sobre muitos outros assuntos que não se enquadravam em qualquer destes temas.
 4. A autora terá viajado para Lisboa no Outono de 1785. Contudo, pouco tempo terá aí permanecido, uma vez que, logo em Dezembro deste mesmo ano, regressou a Londres.

Wollstonecraft foi uma autodidacta. Consciente de que a instrução que recebera na escola até aos quinze anos de idade era manifestamente insuficiente⁵ para satisfazer a sua sede de conhecimento, sentiu necessidade de fazer múltiplas aprendizagens, o que veio a suceder através da leitura de livros, mas não só. Nascida no Século das Luzes, teve a possibilidade de usufruir, em Inglaterra, da fascinante esfera pública cultural proporcionada pelo Iluminismo: proliferavam os grupos de discussão, bem como os clubes; havia um largo número de palestras com entrada livre; e os periódicos mais recentes eram disponibilizados nos cafés. Com efeito, ao contrário do que sucedia em terras lusas, no seu país natal o acesso à cultura não se encontrava vedado às mulheres, tal como Caroline Franklin evidencia na obra *Mary Wollstonecraft: a Literary Life*: “Women were accepted into many such eighteenth-century cultural arenas, for the necessary improvement of female education was a commonplace of the *philosophes* in England, Scotland and France.” (5)

A ausência de uma instrução formal não impediu a autora de conseguir viver apenas da escrita⁶ nem de tornar-se “the powerful feminist Mary Wollstonecraft”. (Gilbert e Gubar: 97) A este propósito, refira-se que terá sido em Janeiro de 1792 que aquela que é considerada uma das primeiras feministas viria a publicar a sua obra mais conhecida: *A Vindication of the Rights of Woman*. O próprio título assume de forma explícita o seu objectivo, consolidando este livro a importância da escritora na cultura britânica, ao defender a igualdade de oportunidades para as mulheres.

No que se refere ao ofício da escrita, devemos assinalar que, na Inglaterra de meados do século XVIII, aquele começara já a ser encarado como uma profissão respeitável para as mulheres. As novas escritoras, demarcando-se de autoras populares como Aphra Ben – que, no século anterior, terá sido a primeira inglesa a fazer da escrita

5. A educação que havia recebido centrava-se sobretudo na preparação para a vida doméstica e para a maternidade.

6. Conseguiu sustentar-se a si própria e às suas irmãs apenas com base na sua actividade como romancista e ensaísta/crítica literária. Foi ainda tradutora e adaptou obras da literatura infantil europeia.

a sua única fonte de rendimento –, viriam a marcar a diferença, escrevendo ficção de qualidade e obras pedagógicas. Na década de oitenta da centúria setecentista, assistiu-se a um aumento significativo do número de escritoras, bem como da quantidade de obras por elas produzidas. É ainda de assinalar que a maioria dos romances publicados entre a década de oitenta do Século das Luzes e a década de dez da centúria novecentista foram escritos por penas de mulheres.

O último quartel do século XVIII foi uma verdadeira época áurea para a actividade livreira britânica. Segundo os cálculos de Charles Knight, editor do século XIX, os lucros de Gibbons em 1777 terão sido 59% superiores aos que viriam a ser obtidos na centúria seguinte, em 1849. (Collins: 33) Além do mais, importa lembrar que, na sequência do incremento do número de leitores na década de oitenta do século XVIII e consequente procura de livros, o preço deste importante objecto de cultura aumentou drasticamente. Um “quarto”⁷ (designação latina adoptada pela língua inglesa para referir o formato 241 mm x 305 mm) deixou de custar 10 ou 12 xelins⁸ para passar a custar um guinéu,⁹ ou seja, passou para o dobro do valor anterior. O preço de um “octavo”¹⁰ (expressão também importada do latim e usada para designar o formato 152 mm x 229 mm) subiu de 5/6 xelins para 10/12 xelins.¹¹ Verifica-se assim que, independentemente do seu formato, todos os livros passaram para o dobro do seu custo.

Não há dúvida de que este contexto foi propício a que Mary Wollstonecraft conseguisse viver inteiramente da escrita, não tendo necessidade de recorrer a qualquer outra fonte de rendimento. Antes de publicar a conhecida obra *A Vindication of the Rights of Woman*, havia já sido dado à estampa, nos inícios de 1787, o seu livro *Thoughts on the Education of Daughters*, que lhe rendeu 10 guinéus. Logo em

7. A sua forma abreviada corresponde a “4to”.

8. Um xelim (designação portuguesa da moeda inglesa *shilling*) é a vigésima parte da libra.

9. Um guinéu corresponde a uma moeda inglesa de ouro, que valia 21 xelins. O guinéu foi substituído pelo “soberano” ou libra esterlina de 20 xelins.

10. A abreviatura de “octavo” é “8vo”.

11. Se considerarmos como valores de referência o salário de uma professora, que correspondia a 12 libras anuais, e a remuneração de menos de um xelim por dia que as mulheres recebiam pelo seu trabalho manual, não é exagerado afirmar que os livros eram um artigo de luxo.

Junho desse mesmo ano, a autora escrevia *Mary: A Fiction*. Entre 1788 e 1791, produziu sete publicações, as quais, muito provavelmente, lhe permitiram auferir a quantia de 70 libras anuais, o que correspondia sensivelmente ao montante de que necessitava para sustentar as suas irmãs e pagar algumas dívidas que havia contraído.¹² Porém, era sobretudo o seu trabalho como crítica literária que lhe permitia regularmente fazer face às despesas do dia-a-dia: por cada “folha”, que correspondia a dezasseis páginas impressas, recebia 2 a 3 guinéus. E isso só lhe foi possível graças ao dinamismo editorial de Joseph Johnson, que publicou todos os livros desta “poderosa feminista” e, como veremos em seguida, a ela recorreu para dar seguimento ao projecto de lançar, em Londres, o periódico *The Analytical Review*.

Johnson teve uma actividade efervescente: no período de quarenta e oito anos em que trabalhou como editor, publicou dois mil e setecentos títulos, atingindo a incrível média de cinquenta e seis por ano. Em 1788, este número de publicações anuais chegou mesmo aos setenta e cinco títulos,¹³ sendo a sua produção 50% maior do que a de Cadell, o seu rival mais próximo. Com efeito, Wollstonecraft contava com o apoio da pessoa certa para a ajudar a cumprir o seu desejo de viver apenas da escrita. Mas também Johnson precisava do seu auxílio, uma vez que, na década de oitenta do século XVIII, a ficção escrita por mulheres passou a constituir um importante mercado para o comércio livreiro e tal facto implicava a necessidade de dar a conhecer os novos romances, apresentando a sua recensão nos periódicos. Johnson precisava, efectivamente, de alguém com o perfil da nossa autora para fazer esse trabalho de análise e divulgação literária. Por seu lado, como vimos, a Mary Wollstonecraft esse trabalho jornalístico permitir-lhe-ia complementar os valores pecuniários que recebia como escritora.

Não é exagerado afirmar que Joseph Johnson contribuiu decisivamente para a divulgação das ideias iluministas. Publicou obras

12. Um escritor pouco conhecido do público leitor recebia apenas 10 libras pela venda dos direitos de autor de um livro.

13. No ano seguinte, o número de publicações viria ainda a subir para setenta e nove.

de cientistas e pensadores como Joseph Priestley e Benjamin Franklin, bem como de outros intelectuais que escreveram sobre diversas áreas do conhecimento, tais como a Medicina, a Química, a Matemática, a Teologia, etc. Também não deixou ficar esquecida a Poesia, dando a conhecer ao público leitor a obra de William Wordsworth e de Samuel Taylor Coleridge. Merece ainda especial destaque o facto de ter fomentado a publicação de obras escritas por mulheres. Entre as escritoras que receberam o seu apoio encontram-se Mary Scott, Anna Barbauld, Maria Edgeworth, Sarah Trimmer, Mary Hays e, claro, Mary Wollstonecraft.

Quando, no Verão de 1788, Joseph Johnson levou avante o ambicioso projecto de criar *The Analytical Review*,¹⁴ precisamente na altura em que a sua actividade editorial tinha atingido o pico no que se refere ao número de publicações, precisou de contar com a ajuda do jovem editor escocês Thomas Christie – que, aliás, o tinha desafiado a realizar este projecto – mas também, como já anteriormente mencionámos, de Wollstonecraft. O conhecido periódico londrino viria a ser publicado por Johnson até 1798, ou seja, não foi muito o seu tempo de sobrevivência após a morte de Christie, em Outubro de 1796, e de Mary Wollstonecraft, em 10 de Setembro de 1797,¹⁵ onze dias após dar à luz aquela que viria a ser uma escritora universalmente mais conhecida, a futura autora de *Frankenstein*, Mary Shelley.

Trabalhar num periódico desafiador do *status quo* possibilitou à autora o acesso a uma grande diversidade de livros, facilitando a sua formação intelectual autodidacta, já que eram várias as tarefas que tinha a seu cargo. Para além de escrever recensões críticas de obras recentes, exercia ainda as funções de assistente editorial de Johnson, sendo responsável pela revisão de futuras publicações e pelo

14. Em 1780, só em Londres, havia sessenta periódicos em actividade.

15. Mary Wollstonecraft faleceu com apenas trinta e oito anos de idade. Apesar de ter morrido prematuramente, deixou-nos um importante legado cultural. William Godwin – seu viúvo e pai da futura Mary Shelley – escreveu então a biografia desta importante feminista britânica, que, significativamente, foi intitulada *Memoirs of the Author of the Vindication of the Rights of Woman*. Refira-se ainda que o *Longman Dictionary of English Language and Culture* (2005) consagra um verbete, embora breve, a Mary Wollstonecraft.

encaminhamento das obras para os críticos de cada área. Conseguia, assim, acompanhar a par e passo uma boa parte da publicação editorial do último quartel do século XVIII. Além do mais, podemos – e devemos – associar, simbolicamente, a altura que Johnson escolheu para a fundação do seu periódico à abordagem racionalista que este preconizava. Como salienta Caroline Franklin, “it was no coincidence that *The Analytical Review* was launched at the commencement of the Dissenters’ campaign and in the year of the anniversary of the ‘Glorious Revolution’.” (67)

Este periódico setecentista era uma volumosa publicação mensal de cerca de cento e vinte páginas, constituindo cada quatro meses um volume (que seria encadernado para quem fosse assinante), o que perfazia três volumes por ano. Na esteira do conhecido *The Monthly Review* – que havia tido um papel pioneiro esquadrinhando todas as novas publicações e apresentando sumários, comentários e excertos longos das obras que os editores consideravam mais importantes –, o periódico de Joseph Johnson proporcionava aos seus leitores o acesso a sinopses e análises de um grande número de publicações dadas à estampa nos finais do século XVIII. No frontispício do primeiro volume de *The Analytical Review* (Maio-Agosto 1788), encontramos enunciadas as suas linhas de acção, sendo de ter em conta que a palavra “Literature” era então usada como sinónimo de livros no geral, independentemente da área do conhecimento que lhes correspondia: “The Analytical Review, or History of Literature, Domestic and Foreign, on an enlarged plan, containing scientific abstracts of important and interesting works, published in English; a general account of such as are of less consequence, with short characters; notices, or reviews of valuable foreign books; criticisms on new pieces of music and works of art; and the literary intelligence of Europe, &c.” Os temas abordados por este periódico cosmopolita não podiam ser mais diversos, evidenciado o enciclopedismo do Século das Luzes, tal como é tornado claro pela lista nele publicada, onde os seus conteúdos são enumerados pela seguinte ordem: “Theology”, “Philosophy”, “History of Academies”, “History”, “Biography”, “Law and Natural Knowledge”, “Botany”, “Chemistry”, “Medicine”,

“Mathematical Sciences”, “Music”, “Poetry” e “Miscellanies”.

Apesar de ter sido apenas a partir de 1791¹⁶ que começou a ser oferecido mais espaço no periódico à Literatura de Viagens,¹⁷ seriam consagradas, logo no primeiro volume (datado de 1788), quase sete páginas completas à recensão que Mary Wollstonecraft escreveu sobre o livro de viagens do oficial escocês James Ferrier.¹⁸ Tendo em conta que, neste periódico de Joseph Johnson, as recensões de maior dimensão ocupavam entre dez a vinte páginas (chegando a ser publicadas ao longo de dois ou três números) e às publicações consideradas menores consagravam apenas um parágrafo, podemos afirmar que a importância da narrativa saída da pena daquele oficial foi reconhecida pelo periódico britânico.

Embora a sua autoria esteja inequivocamente atribuída a Wollstonecraft, a resenha de *Sketches* foi publicada em *The Analytical Review* de forma anónima, encontrando-se identificada apenas com a inicial “W.”. É curioso notar que, logo no seu início, é fornecida aos leitores a informação de que o preço de venda da obra de James Ferrier, editada pela editora Vernor, era 10 xelins, valor que, como anteriormente vimos, correspondia já à nova tabela de preços em vigor na década de oitenta do século XVIII para os livros que, tal como *Sketches*, tinham o formato “octavo”. Apesar do seu elevado custo, *Sketches of Society and Manners in Portugal* terá tido grande procura por parte do público leitor britânico, o que se deveu a vários

-
16. Ano em que Wollstonecraft começou a substituir Thomas Christie nas suas funções de responsabilidade editorial quando das deslocações deste a Paris.
 17. Anteriormente, assumiam particular relevo as publicações médicas, que eram especialmente bem acolhidas por Christie devido à sua formação em Medicina.
 18. A colaboração de Mary Wollstonecraft como crítica literária não foi contínua, uma vez que esteve ausente da redacção de *The Analytical Review* durante alguns anos. Tal dever-se-ia ao facto de ter ido viver para França em Dezembro de 1792 e aí ter permanecido até Abril de 1795, altura em que regressa a Inglaterra, já após a publicação (no ano anterior) da sua *History and Moral View of the Origin and Progress of the French Revolution*. Logo em Junho de 1795, viaja até à Escandinávia, estando de volta a Londres somente três meses depois. Terá sido apenas em Fevereiro de 1796 que regressou às suas funções editoriais no periódico de Johnson. Voltou então a escrever recensões, que seriam identificadas com as iniciais “MI”, correspondentes a “Mary Imlay” (apelido que entretanto adquirira através do casamento com Gilbert Imlay, escritor e homem de negócios de nacionalidade americana). A partir de Maio de 1796, na sequência da ruptura com Imlay, passaria a usar apenas a inicial “M”.

motivos. Por um lado, há que ter em conta que, a partir de meados de Setecentos, as narrativas de viagens gozam de grande prestígio e divulgação em Inglaterra, tornando-se uma verdadeira paixão para o público leitor inglês.¹⁹ Devemos ainda mencionar que na Inglaterra setecentista a publicação de narrativas de viagens em periódicos de cariz literário e cultural se tornou uma prática comum. Para além disso, os relatos de viajantes eram alvo de vivo interesse por parte da imprensa britânica, que os dava a conhecer através de resenhas (que, como vimos, tinham maior ou menor extensão consoante a importância que era atribuída ao relato), sendo a recensão feita por Wollstonecraft um exemplo que ilustra a atenção dada à escrita de viagens.

Os aspectos que acabamos de mencionar remetem-nos inevitavelmente para a importância que as narrativas de viajantes assumiram na construção de uma imagem psicocultural estereotipada dos países estrangeiros na Grã-Bretanha, levando-nos inevitavelmente a reflectir sobre a relevância de *Sketches* na construção de uma determinada imagem de Portugal, uma vez que viria a ser ampla a difusão deste relato. Tal facto é comprovado não só pela sua publicação em vários países – Inglaterra (1787 e 1788), Alemanha (1788), Suécia (1796) e França (1810 e 1811) –, mas também pelo número vasto de viandantes, sobretudo de nacionalidade britânica, que citam o livro de Ferrier nos seus relatos. Muitos deles consideram que este consiste numa narrativa fiel e verdadeira, sem desconfiar que à imagem real do nosso país se sobrepõe, não raras vezes, um Portugal setecentista recriado pela subjectividade do autor de *Sketches*, que, ao longo dos dezoito anos em que viveu no nosso país, esteve várias vezes envolvido em acesas polémicas militares das quais se considerou vítima.

Aliás, também a própria Wollstonecraft não terá posto de lado a sua visão subjectiva ao escrever a resenha de *Sketches*, deixando transparecer, em observações como as que se seguem, a sua forte

19. Note-se que a própria Mary Wollstonecraft viria a ser autora de um livro de viagens, publicado em Janeiro de 1796: *Letters Written During a Short Residence in Sweden, Norway and Denmark*.

ligação com a matriz cultural inglesa:

(...) the chief merit of the book consists in the matters of fact, which must afford the considerate useful subjects for meditation, while the thoughtless may catch amusement, and rejoice, that in the country we inhabit [sublinhado nosso], the poor man may enjoy the fruit of his labours, and even the culprit be brought speedily to trial, and not suffered to languish in subterranean dungeons, a prey to anguish and unavailing regret. (457)

Os excertos de *Sketches* que a “poderosa feminista” estrategicamente selecciona para divulgar em *The Analytical Review* são representações fragmentárias representativas da deambulação ideológica e psicológica de Ferrier que lhe permitem também a ela própria apresentar reflexões – ainda que breves – quer sobre a religião, o poder político e a sociedade quer sobre aspectos éticos ou culturais. Devemos ainda observar que à semelhança do que acontece em *Sketches* também na recensão o confronto do Eu com o Outro é expresso de forma *sui generis*, entrecruzando-se não só com a crítica moral, social e política impiedosa e revestida de intenções moralizantes, mas também com a análise do Homem numa dupla vertente: a individual e a colectiva (esta última associada à opressão social).

Em “*Costigan’s Sketches*”, título que, como atrás referimos, foi atribuído à resenha, Mary Wollstonecraft ataca violentamente a religião católica e a monarquia absolutista, recorrendo a adjetivos bastante expressivos para exprimir os seus juízos de valor acerca da sociedade portuguesa – “a religion the most absurd, and a government the most arbitrary”. (451) Considera ainda Portugal como “the most savage part of Europe, where superstition still reigns triumphant.” (451) Ao apresentar ao público leitor de *The Analytical Review* a sua sinopse da narrativa epistolar de Ferrier (logo no terceiro parágrafo da resenha), Wollstonecraft não deixa, uma vez mais, de exprimir a sua subjectividade, considerando, tal como Ferrier havia feito em *Sketches*, que uma das razões do atraso cultural do nosso país radica no Catolicismo:

These letters contain a short description of the country, a more copious one of the manners and government, and some animated, but liberal, animadversions on a religion, which stops the progress of improvement, and the growth of morality. (452)

A mesma ideia é reiterada no segundo excerto que transcreve na sua recensão. Nesse passo da obra, Ferrier tece críticas mordazes ao clero, questionando a função moral dos padres portugueses e destacando a sua dissimulação na prática de costumes dissolutos. Além do mais, denuncia ainda que o mérito de um bom crente consiste apenas em ir à missa e obedecer a alguns preceitos católicos que classifica como “ridículos”.

Já no terceiro trecho seleccionado por Wollstonecraft, que corresponde ao mais extenso dos quatro extractos que integram a recensão, é a crítica ao poder político português que assume especial destaque, já que o episódio aí relatado, embora também foque o mau estado em que então se encontrava a vida militar no nosso país e denuncie a prática do freiratismo, evidencia sobretudo o despotismo régio e o seu desrespeito pela Justiça. A imagem profundamente negativa que é transmitida do poder político no excerto em apreço deve-se muito provavelmente ao facto de, como refere numa outra carta de *Sketches*, desde a subida de D. Maria I ao trono, terem sido tomadas muitas medidas “para desgostar os oficiais estrangeiros”. Com efeito, não será despropositado considerar a possibilidade de o oficial escocês se ter sentido vítima de uma nova orientação política, pois abandonou o nosso país pouco tempo após o início do reinado daquela soberana portuguesa.

O quarto (e último) fragmento escolhido pela autora para integrar a resenha de *Sketches* no periódico de Johnson terá certamente contribuído para exacerbar uma imagem profundamente negativa do povo português e dos seus costumes, uma vez que opta por divulgar junto do público leitor britânico um episódio protagonizado por um remador algarvio cujas palavras, em discurso directo, parecem ser apresentadas não só para “comprovar” o carácter supersticioso de “todo” o povo português, mas também a rudeza nos modos através

do recurso a calão. A opção de transcrever este episódio, e não outro, deve-se muito possivelmente ao facto de a superstição religiosa por este ilustrada se opor à visão do ser humano como agente autónomo (com liberdade de consciência e capaz de se melhorar a si próprio através do acesso à cultura), defendida pela feminista Wollstonecraft, o que é também relacionável com a sua crença no direito do Homem a resistir a abusos de poder. No fundo, será que este episódio não servia o propósito de corroborar a sua própria visão – nada benevolente – de Portugal como “the most savage part of Europe”? (451)

Ao terminarmos este artigo, consideramos ser relevante relembrar que a narrativa *Sketches of Society and Manners in Portugal* foi dada a conhecer ao público leitor britânico com recurso ao anonimato: o oficial escocês acobertou-se, como sabemos, com o pseudónimo Arthur William Costigan. Por seu lado, também no periódico de Johnson não foi desvelada a autoria da recensão “Costigan’s *Sketches*”: Mary Wollstonecraft utilizara apenas a inicial “W.” no final da sua resenha. Não nos parece exagerado afirmar que as seguintes palavras, extraídas da recensão de *Sketches*, deveriam funcionar como uma espécie de chave de leitura para os leitores do século XXI: “We understand that the name which the author has affixed to his work, is a fictitious one, and this circumstance (...) will probably lead many of his readers to entertain doubts respecting some of the incidents and circumstances he relates.” (452) Compete-nos, assim, desconfiar da parcialidade do olhar de James Ferrier, mas também da subjectividade de Mary Wollstonecraft, e tentar desconstruir a imagem estereotipada de Portugal veiculada por estes dois viandantes setecentistas.

Bibliografia

- Adams, Percy G. *Travel Literature and the Evolution of the Novel*. Lexington: University Press of Kentucky, 1983.
 — *Travelers and Travel Liars, 1660-1800*. New York: Dover Publications, 1980.
 Batten, Charles L. *Pleasurable Instruction: Form and Convention in Eighteenth-Century*

- Travel Literature*. Berkeley: University of California Press, 1978.
- Breen, Jennifer (ed.) *Women Romantics 1785-1832: Writing in Prose*. London: Everyman, 1996.
- Butler, Marilyn e Janet Todd. *The Works of Mary Wollstonecraft*. 7 vols. London: Pickering & Chatto, 1989.
- Castro, Catarina Crespo Coelho Correia de. *Um Livro Negro sobre o Portugal do Século XVIII*. Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2007.
- Chaves, Castelo Branco. *Os Livros de Viagens em Portugal no Século XVIII e a Sua Projecção Europeia*. Amadora: ICALP, 1977.
- Collins, A.S. *Authorship in the Days of Johnson, Being a Study of the Relation Between Author, Patron, Publisher and Public 1726-1780*. London: Robert Holden & Co., 1927.
- Costigan, Arthur William. *Sketches of Society and Manners in Portugal. In a Series of Letters from Arthur William Costigan, Esq. Late a Captain of the Irish Brigade in the Service of Spain, to his Brother in London*. 2 vols. London: T. Vernor, [1787].
- Foster, Antonia. "Review Journals and the Reading Public." *Books and Their Readers in Eighteenth-Century England: New Essays*. Ed. Isabel Rivers. London: Leicester University Press, 2001. 171-90.
- Francis, David. *Portugal, 1715-1808: Joanine, Pombaline and Rococo Portugal as Seen by British Diplomats and Traders*. London: Tamesis Books, 1985.
- Franklin, Caroline. *Mary Wollstonecraft: a Literary Life*. New York: Palgrave, 2004.
- Gilbert, Sandra M. e Susan Gubar. *The Madwoman in the Attic: the Woman Writer and the Nineteenth-Century Literary Imagination*. London: Yale University Press, 1984.
- Gordon, Lyndall. *Vindication: a Life of Mary Wollstonecraft*. New York: Harper Collins, 2006.
- Macaulay, Rose. *They Went to Portugal*. Harmondsworth: Penguin Books, 1985.
— *They Went to Portugal Too*. Manchester: Carcanet Press, 1990.
- Massingham, Hugh and Pauline. *The Englishman Abroad*. London: Phoenix House, 1962.
- Morris, Mary (ed.) *The Virago Book of Women Travellers*. London: Virago, 2004.
- Turner, Cheryl. *Living by the Pen: Women Writers in the Eighteenth Century*. London/ New York: Routledge, 1992.
- Tyson, Gerald P. *Joseph Johnson: a Liberal Publisher*. Iowa: University of Iowa Press, 1979.
- Wardle, Ralph M. *The Collected Letters of Mary Wollstonecraft*. Ithaca: Cornell University Press, 1979.
- Wollstonecraft, Mary. " 'Costigan's Sketches'" [Recensão de *Sketches of Society and Manners in Portugal*]. *The Analytical Review*. Dir. Joseph Johnson. August 1788: 451-457.
- "Wollstonecraft, Mary." *Longman Dictionary of English Language and Culture*. 3rd Edition. 2005.

Apêndice

Transcrição integral de: Mary Wollstonecraft. "Costigan's *Sketches*". [Recensão de *Sketches of Society and Manners in Portugal*] *The Analytical Review*. Dir. Joseph Johnson. August 1788: 451-7. Impresso.

ART.V. SKETCHES OF SOCIETY AND MANNERS IN PORTUGAL. In a series of Letters from Arthur William Costigan, Esq. late a Captain of the Irish Brigade in the Service of Spain, to his Brother in London. 2 vols. 8vo. 858 p. Price 10s. in boards. Vernor.

Tours on the Continent have furnished materials for many descriptive and sentimental publications; and though we have heard more of buildings, pictures, and fine-spun sentiments, than of laws and manners, the character of the French, in particular, has been pourtrayed [sic], and their laws investigated. But an account of the Portuguese, we believe, has not been attempted, a just one would certainly be a valuable acquisition, as Portugal may be termed the most savage part of Europe, where superstition still reigns triumphant. From the contrast it must display, the subject cannot be uninteresting to those, who wish to trace to their source the accidental causes from which the similarity of a whole nation sprung, who wish to observe the effect a religion the most absurd, and a government the most arbitrary, would have in modifying the human passions.

The author has communicated some important facts; his profession made him particularly attentive to the military establishment; but his favourite researches do not lead him from the main object he has ever in view, an account of the manners of the people: every where he intersperses anecdotes illustrating the national character, and pointing out the circumstances that gave it birth, and still continue to counteract the innovations time would introduce. We understand that the name which the author has affixed to his work, is a fictitious one, and this circumstance, joined to the romantic cast of several of the letters, will

probably lead many of his readers to entertain doubts respecting some of the incidents and circumstances he relates.

These letters contain a short description of the country, a more copious one of the manners and government, and some animated, but liberal, animadversions on a religion, which stops the progress of improvement, and the growth of morality.

As Mr. Costigan travelled through different parts of the kingdom, his remarks are not confined to the capital, where the national character is seldom seen in its simple state; but Lisbon, perhaps, may be an exception to this rule. The author shall now speak for himself.

'After breakfast, notwithstanding the heat, we sallied out to take a view of the city, whose romantic situation, wildly and irregularly scattered over so many high grounds and vallies [sic], interspersed with orchards and vineyards, descending to the banks of a majestic river full of shipping, produces such a variety of picturesque views, at every new station the observer takes, as are perfectly interesting. Lord Freeman justly observed, that every prospect, at some distance from where he stood, was as beautiful as the spot immediately under his eye was nauseous and disgusting.'

Adverting to the government, he observes,

'The very nature of their government, so jealous, arbitrary, and domineering, gives them an unavoidable and decided turn for disingenuity [sic], cunning, and circumvention: and as their only teachers and directors, the priests, are themselves totally ignorant of what moral obligation is, so it is impossible they can teach it to others: they place the whole merit of a good Catholic in hearing mass, and observing a few ridiculous and futile precepts of their church, which, if strictly adhered to, as they generally are, their consciences are set perfectly at ease; and as to any thing else, they give into the practice of every other vice (drinking only excepted) without the smallest compunction; in all which the clergy, and especially the Friars, set the example, yet in such a manner, however, that there is scarce ever the appearance of any person leading a disorderly life, every thing being carried on

under the cloak of that universal dissimulation to which they are so well accustomed.'

The following relation, amongst many others which might be given, will shew [sic] the wretched state of the army, and the conduct of those in power.

'A gentleman of the town or city of Bragança, married and established there; who was hereditary civil governor, or constable of the town, superintendant of the custom-house, a lieutenant in the regiment of cavalry of the same, and the laziest drone ever disgraced a cockade; as by means of certificates of sickness he obtained from the wretched surgeons or physicians, or by surreptitious leaves of absence, on real or pretended business, he contrived it so as never to do any sort of duty in the regiment; this man paid his addresses to a certain nun of a convent in the same town, and getting by stealth into the convent, here esteemed a crime of the blackest dye, he debauched her, continuing his furtive visits for a considerable time, till satiety bred disgust; he then directed his addresses to another nun of the same convent, sister to the former, and with the same success; this second intrigue was however soon discovered by the jealous and disappointed nun who had been the first object of this passion, and by her quickly communicated to the bishop of the diocese, who, in concert with the commanding officer of the garrison, had the convent surrounded with troops, on the signal, previously agreed on, being given from the convent, by the jealous nun, of the time when the officer was actually with her sister; and strict search being made, the gallant was found and seized in the courtyard of the convent, concealed under a large pile of fire-wood, and carried prisoner to the garrison of Chaves, which is the head-quarters of our province; there he was tried by a court-martial, convicted and sentenced according to law: this sentence was transmitted to court, for approbation, in the usual form, and (as customary) was, with many others, thrown under the table and remained there, this being the most expeditious method the Marquis of Pombal could think of, for dispatching every kind of army business; the culprit remained for a long time a prisoner in the main-guard of Chaves, and

at last obtained from the governor, as a particular favour, the liberty of walking abroad through the town upon his parole of honour, where, by way of amusement, he made his court to a married woman, whose husband was rather old, but a gentleman, living upon a small, but independent, fortune. In this he succeeded so well, that, in order to enjoy each other's company with less interruption, they agreed that she should administer to her husband a dose of poison, which the paramour had prepared for him. The poor man actually took part of it, and discovered what it was, but not in time either to save his life, or to prevent both the lovers from escaping into Spain upon two stout mules they took from his stables.

'Our gallant remained with his mistress in Spain, very near our garrison, living upon his rents, which were regularly remitted to him. On his evasion from Chaves being reported to the late minister, he was so provoked by the information he had of several circumstances of his base behaviour, that he sent particular orders to the governor of Chaves to have him hanged in effigy in presence of the whole garrison, under arms, and his person to be declared infamous, which was accordingly done.

'But at the very beginning of this present promising administration, that same infamous person returned to Lisbon, furnished with such powerful letters of solicitation, that her most faithful majesty was pleased to pardon and forgive him his various crimes and iniquities, in the way and manner following, that is to say,

'She pardoned him the crime of breaking by stealth into a convent of nuns, which is reckoned by all the rigid people especially, as a crime for which it is next to impossible to make any adequate atonement. This is so true, that her own grandfather, Don John the Fifth (who himself kept his seraglio in the Royal Convent of Odivellas [sic], which during that reign gave a number of royal bastards to the world) was so jealous of this privilege, that he was never known to forgive any person who had prophaned [sic] the sacred precincts of a female convent, to seduce the religious, and the slightest punishment he inflicted was banishment to the Indies for life.

'But to return ----- Her most faithful majesty pardoned our gallant

the crime of carnal knowledge of one of the spouses of Christ, to whom, by her profession, she had been so solemnly betrothed: She then pardoned him the repetition of the same crime with another nun of the same convent: She also pardoned him the crime of incest, for the two nuns were sisters; to all which we must superadd, that she pardoned him the crime of double adultery, he himself being a married man: The generous Queen next proceeded to pardon him the crime of adultery with the gentleman's wife, in the town of Chaves, after the governor had permitted him to walk about upon his parole of honour: Then follows her pardon of the crime of murdering his mistress's husband, in which he was art and part: After this he is pardoned the crime of stealing two mules to carry them into Spain: And lastly, her majesty pardoned him, being a commissioned officer in her service, the crime of desertion into a foreign kingdom, under the aggravating circumstances of his being under arrest and tried for other crimes, and enlarged with the privilege of walking about the town upon his parole of honour!

"But, as if not satisfied with these egregious exhibitions of the most consummate weakness, and the most misplaced and destructive lenity, she has replaced him by a new commission, in the same post of the same regiment, which by the sentence of a court-martial he had lost, ordering it to be signified in the regiment, that she would severely punish any officer who should have the smallest scruple of doing duty with him again! In truth, she had no occasion for this act of commination, for none of the officers were found delicate enough to stand in need of it, although there are three officers now in the regiment with him, brothers to the two sisters he debauched in the convent, who, as well as all the other officers appear to live in perfect harmony with him; so great is their prudence and circumspection, and such their implicit obedience to the laws against duelling, or any others which happen to coincide so perfectly with their own inclinations.

"Not to leave the business done by halves, but finally, and to crown all, the generous queen ordered every note or entry of this officer's desertion, of the court-martial held upon him, and of every

thing else concerning him, which it is customary to record and set down in the register-book of each respective regiment, to be entirely blotted out and erased, that there might exist in future no remembrance of such extraordinary transactions!’

We shall give one extract more.

‘I know nothing more delightful than to be upon smooth water by moonlight, and the beautiful Cynthia rose upon us in full and unclouded splendor [sic]. The company agreed the barges should separate to the right and left at greater distances from each other as we crossed the spacious Bason [sic] to Lisbon, the better to enjoy the effects of the music. Our barge had taken the right of all; and the tide coming full in as we approach the city, where the current is extremely rapid, we were carried a considerable way above it, the stout Algarve rowers pulling strong against the tide to very little purpose. ‘I wish Saint Anthony would send us a breeze from those hills to the North, as he often does,’ (said one of the rowers next to where I sat in the barge, who had been the most successful in returning the gibes and scurrility of the two buffoons.) ‘Would to God, our Lady made him do so, (replied several of the others) let us pray a *responsio*²⁰ to him; which when they had done, Blow! blow! Saint Anthony, (said they almost all with one voice.)

‘Hand my Gossip aft here from the prow, and I will talk with him, (said the facetious fellow near me, whose name I found was Ivo, and that he was the established wit and oracle of the whole crew.) Upon this I saw them hand him a board about two feet long and five or six inches broad; at the lower end was fixed a small box for receiving alms with a slit cut in it for dropping in the money, and above it was painted the figure of the Saint, with the Child Jesus in his arms. Ivo set the Saint down before him, the rowers tugged away, and we offered them wine which they refused, but drank plenty of water

20. A sort of prayer in bad Latin the Priests teach the people to mumble over to St. Anthony, as the particular Patron of Lisbon, to recover any thing [sic] they have lost, to obtain a happy journey, a fair wind, &c. &c.’ [Esta nota de rodapé em que se esclarece o significado do vocábulo “responsio” é da autoria de James Ferrier.]

which they had brought with them in kegs. Ivo addressing himself to St. Anthony, said thus "You know, Gossip, (for it seems he is god-father to one of Ivo's children) I am already acquainted with your tricks, and that I have had too much reason, on some occasions, to call you mulish and obstinate; but I desire and expect you will not expose us now, especially before these Englishmen, by your wrong-headedness; for only consider what the watermen of London will think of you, when these gentlemen shall tell them, that when we asked you only for a small puff of wind to carry us to your own city, you had the shabbiness and illnature [sic] to refuse it us?" After more ribaldry with the buffoons, at which the old Marquis laughed heartily, Ivo took up the board, and shaking it, found the alms-box was empty. Oh! now I understand him, (exclaimed Ivo) now I know the reason we cannot get a wind, my Gossip will do nothing, not even for our Lady herself without an alms! Do, pass him about among the noble company of Fidalgos, and let every one give him an alms; as soon as my Gossip hears the money tinkling in his box, I know we shall have a wind directly. After the alms were collected, Ivo set the Saint again down before him. By and by, as I was become familiar with Ivo, I asked him where was the wind he had been so long promising us? He assured me it would come, for that, though his Gossip was sometimes slow, yet he never failed him. Soon after this, some others of the rowers said, St. Anthony was a blockhead and a coxcomb, and did not care a straw for what Ivo said to him. 'Do you hear, Gossip, (said Ivo) what my comrades are saying of you? though they speak truth, and you richly deserve it all.' As it still continued calm, Ivo began to call St. Anthony all the bad names he could think of, told him, if a ducking was all he wanted to make him do his duty, he should soon have his belly full of salt water; he called him a fool, a slug-a-bed, a drunkard, a thief, a cuckold, a (cabrao) pimp of his own wife, and told him he would break his horns for him, if he did not look better to his business.

'Our men pulled away for near an hour longer without any sign of wind; at last Ivo making the two men with him lay upon their oar, started up in a violent passion, drew his sharp-pointed knife, and

presenting it to the face of the painting of St. Anthony, said to him these words, *Ah filho de puta! se nao fosse pelo respeito daquelle filho bastardo que tems nos braços, enxia-te essa caranca de facadas.* In literal English it is thus, 'You son of a w-----, if it were not for the respect I have for that bastard son you have in your arms, I would fill that ugly face of yours with stabs of my knife.'

'Soon after this we came nearly opposite to a sort of valley at the upper end of the city, from whence we had a breeze. 'Ah! you will consent then after all, you old cuckold, said Ivo still in great wrath with his Gossip) after we have almost broken the bones of our arms with rowing, you come with your snivelling wind, when we do not want your assistance; but remember, friend, I tell you before all this noble company, if you are not more tractable and ready in future, I will strike my name out of your brotherhood and society, I will never give you a farthing, nor collect any more alms, nor make more feasts for you, or take any more notice of you, than I would of the meanest Saint in the Calendar.'

The observations, without being profound, are pertinent; but the chief merit of the book consists in the matters of fact, which must afford the considerate useful subjects for meditation, while the thoughtless may catch amusement, and rejoice, that in the country we inhabit, the poor man may enjoy the fruit of his labours, and even the culprit be brought speedily to trial, and not suffered to languish in subterranean dungeons, a prey to anguish and unavailing regret.

After what we have said, it would be almost invidious to point out defects in language, and trite remarks; from our own knowledge of the country we can assure our readers, that the various stories of oppression, and the consequent misery of individuals, are notorious facts, and naturally flow from the constitution of the church and state, though probably the author did not hear them in the series he presents, but connected into a kind of story, the information he had collected during a course of years. We except the account of Lord Freeman, which is undoubtedly an injudicious fabrication, as it is certain that no Portuguese Fidalgo ever married an English woman.

The author invented this story, perhaps, to give an air of interest to the whole, and to display, in the most glaring colours, the pride and superstition of the Fidalgos: the representation is just, but the curtain certainly was not drawn back in the manner he pretends.

The climate, want of rational employments, and a mixture of Moorish customs, all tend to unite romantic notions of gallantry with the grossest intrigues: the gradation is very easy, refinement on sensuality leads of course to the most detestable vices, after the first glow of youthful ardour is over, which generally has a tincture of sentiment. Indeed when the years of maturity arrive, a man must be *a man*, employed to improve his understanding, and govern his passions and appetites, or sink below the common station of beings who have an intellectual nature to cultivate; and not having proper occupations to exercise his faculties, they must sleep the sleep of death, at least we shall not see them awake in this world.

Not attending to the circumstances that imperceptibly model the manners of a nation, a local person who sees every thing through the medium of the atmosphere which surrounds himself, may think many things romantic and out of nature, that are the natural effects of certain causes he has never explored. Such a person may exclaim, These inconsistencies of character, eminently conspicuous in the Portuguese, are impossible: can lust, and a profound respect for the sex; can a sense of honour and insincerity, dwell together? It is even so---a childish cruel religion, and the system of dissimulation it has introduced, Moorish customs, and an arbitrary government, have all contributed to turn a savage into a monster, and the wildness of the appearance only conceals some of its deformities.

W.